

## Brasil: um perigo Real

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

Este é o título literal do artigo assinado por Marcelo Bonelli e publicado na página opinião do Jornal Clarin de Buenos Aires (ed. de 25.04.1997). A objetiva ironia contida na ambiguidade do título possui uma dupla conotação pois, denunciando a possibilidade de uma maxidesvalorização do real concomitante a um maxiajuste cambiário, na esteira da MP 1.569 e circulares do Banco Central 2747 e 2749, descobre a fragilidade e a dependência da Argentina com relação ao comércio com o Mercosul e, notadamente, com o Brasil. A interdependência-interativa em termos de conciliação de políticas macroeconômicas, se ainda não é uma realidade no campo dos mecanismos institucionais que monitorem em conjunto o processo, já se manifesta na realidade dos números pois o Brasil recebe 27,6% das exportações argentinas, 49,3% das paraguaias e 34,7% das uruguaias. Assim, do total de US\$53,2 bilhões que o Brasil importou em 1996, somente a Argentina vendeu US\$6,5 bilhões. O rombo na sua balança comercial evidenciou-se com o recrudescimento constatado no movimento de importações, que na penúltima semana de março deste ano atingiram a média diária de US\$270 milhões, 32% maior do que o registrado em março de 1996. Sendo que em março de 1997, mantida a média, chegariam na casa dos US\$4,8 bilhões. Seguindo esta tendência, o déficit de março alcançaria US\$1,1 bilhão, superando a média de janeiro e fevereiro. No primeiro bimestre, o saldo negativo foi de US\$2,031 bilhões, sendo que em todo o ano de 1996, US\$5,541 bilhões (ZH-26.03.97 - pág 32).

As importações e exportações representam, em suma, atos fundamentais da vida econômica pois são elementos de destaque na circulação das riquezas. Por sua vez o valor e preço são expressões que facultam a dinâmica do processo econômico sendo que a moeda "é o instrumento que serve para concretizar o valor dos produtos e dos serviços e que tem de representar um preço"(F.Baudhuin - Princípios de Economia Contemporânea - p.21) A qualidade essencial da moeda seria a sua estabilidade mas, via de regra, esta exigência só é satisfeita por pouco tempo. Apesar disto, embora a moeda seja um instrumento de medida imperfeito, é necessária sua utilização. Paul Volcker e Toyoo Gyohten em A Nova Ordem Econômica, problematizam a realidade monetária. Gyohten diz que "enormes fluxos de capital influenciam as taxas de câmbio, especialmente no mercado desregulamentado e globalizado de hoje". Ele pergunta: é possível controlá-los? E incisivamente constata: "Apesar da taxa de câmbio ser, certamente, um indicador econômico muito mais importante do que, por exemplo, o preço de grãos de café ou de lã no mercado mundial de hoje, a moeda é, entretanto, comercializada como se fosse uma commodity."(opus citae fls. 322) Assim é que através dos anos existiram várias políticas monetárias mundiais. De 1929 a 1932, durante a grande depressão, o comércio mundial caiu 60% havendo um desintegração do sistema monetário internacional. Vigia a política de taxas flutuantes de câmbio cuja característica era a "beggar-thy-neighbor"(empobrecer o vizinho), pois a idéia geral era depreciar ao máximo a própria moeda, para tornar as exportações mais baratas no mercado mundial e aumentar o preço das importações. Após Bretton Woods, em 1944, passou a vigir um sistema de câmbio de taxa fixa, conforme a alternativa de Harry Dexter White que partilhava algumas ítems da proposta de Keynes, através da institucionalização relativa do "gold standart"(padrão ouro). Os Estados Unidos, possuidores das maiores reservas de ouro, da mesma forma eram o único país em condições de efetivar a conversão monetária.. Assim é que, nesta razão, o dólar(taxa de 35 dólares a onça de ouro) passou a ser utilizado como reserva cambiária, pela comunidade das nações sendo criados, junto com o FMI, os chamados "direitos de saque" que derivavam de uma fórmula que refletia a dimensão econômica e importância comercial dos países membros. Critérios "condicionais" foram estabelecidos para aqueles países que visavam somas substanciais sendo assim elaborados procedimentos de fiscalização que monitorassem o seu desempenho econômico. O sistema atual é um sistema de flutuação no qual temos múltiplas moedas de reserva, o dólar, o iene e o marco, (sendo que este último deverá ser substituído pela moeda européia o ECU ou EURO, quando entrar em circulação-Barros - Moeda Única na União Européia - fls. 254). Sobre isto Gyohten diz que "nossas experiências deixam absolutamente claro que o sistema atual - ou não sistema, para ser mais exato - não resultou da escolha de ninguém. Foi algo inevitável, quando o sistema de Bretton Woods tornou-se insustentável. O que está errado no atual sistema é a sua falta de estabilidade e de previsão em relação as taxas de câmbio, que parece afetar o crescimento estável do comércio e de investimentos." (opus citae - fls. 320)

Depreende-se disto tudo, sem ser tautológico mas no entanto profundamente irônico, que mais Real do que o Real só o Real pois em matéria de moeda não existe direito adquirido que consubstancie valor nominal e substancial, nem como direito dos homens, nem como direito das nações, pois esta é a lei do mercado. Reativa-se a cláusula de imprevisibilidade contida no brocardo latino "pacta sun servanda, rebus sic stantibus"(os pactos devem ser cumpridos se as circunstâncias forem mantidas).

Porto Alegre, 27 de abril de 1997.

- Sérgio Borja
- Professor de Direito da PUC e da UFRGS

Publicado pelo Jornal Folha de São Paulo em 12.05.1997 e por Zero Hora neste mesmo ano.